

Dinamarquês

Inglês

Francês

Italiano

**Português**

# CSJOURNAL

Congregação das Irmãs de São José de Chambéry

Julho - Agosto • Ano 2023 - n. 2



## CONSELHO GERAL

## SUMÁRIO

# SINODALIDADE E MISSÃO: A JORNADA CONTINUA

**Ir. Dolores Lahr, CSJ**

*Superiora Geral*



O 16º Sínodo dos Bispos tem sido um tema para a nossa Igreja desde que o Papa Francisco anunciou a notícia em outubro de 2021 e iniciou o processo de três anos. O nome Sínodo é um pouco impróprio, pois é um encontro de bispos, mas contará com a participação de outras pessoas, incluindo leigos, diáconos e religiosos e religiosas de todo o mundo.

Como sabemos, o tema do próximo 16º Sínodo dos Bispos é: "Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão". No último número do CSJournal, Irmã Elisa escreveu sobre o Caminho Sinodal para a Formação na Vida Religiosa. Agora gostaria de oferecer algumas reflexões sobre o aspecto da missão e da sinodalidade.

### GENERAL COUNCIL

Sinodalidade e Missão: A Jornada Contínua

CAPA

### JPIC

*Brasil:* Tempo da Criação

3

*Itália:* Refugiados: em jogo o futuro dos Direitos Humanos

4

### IFC

*Ecônoma Geral:* Fundo Missionário Global: relatórios que fazem você crescer

6

### PROVÍNCIA/REGIÃO/MISSÃO

*Bolívia:* Uma Força Que Empodera

8

*Noruega:* Experiências em uma conferência da ONU em Paris

10

Novas Santas

11

*Paquistão:* Servindo a uma comunidade itinerante negligenciada

12

*Itália:* Todas Irmãs

14

*França/Bélgica:* Apelo à Congregação - Uma Árvore - Uma Vida

15



Antes de mais nada, a Sinodalidade significa caminhar juntos e ouvir-nos uns aos outros, mas sobretudo ouvir o Espírito Santo. E por “juntos” é dada ênfase à corresponsabilidade e à corresponsabilidade na missão. Colocam-se as perguntas: “Como podemos partilhar melhor os dons e as tarefas ao serviço do Evangelho?” “Como podemos caminhar juntos rumo a uma consciência partilhada do significado e do conteúdo da missão?” O ‘nós’ inclui todos os membros e não é exclusivo dos bispos.

Uma Igreja sinodal missionária tem o dever de se perguntar como pode reconhecer e valorizar a contribuição que cada batizado pode oferecer na missão. O falecido Padre Anthony Gittins, um renomado especialista em interculturalidade e missão, escreveu que “estar em missão é a maior aventura religiosa”.

Ele não estava escrevendo sobre missão apenas para religiosos e religiosas, nem se referindo aos missionários, aqueles que deixam seu país de origem para exercer seu ministério em um lugar totalmente diferente. Em vez disso, ele inclui todos os cristãos batizados na sua declaração.

A missão tem um lugar central no Sínodo e no processo sinodal. É um apelo a todos os cristãos batizados à comunhão e à colaboração no serviço ao Evangelho. Como Irmãs de São José de Chambéry, juntamente com os nossos LLPPs e outros colaboradores leigos, somos chamados a esta grande aventura religiosa.

Cada uma, em cada Província, Região e Missão, é chamada a discernir o movimento do Espírito no seu respectivo local. Por exemplo, que chamados do Espírito são

ouvidos na região amazônica do Brasil e da Bolívia? Para que missão e ministério estamos sendo chamados na crescente missão da Tanzânia? Que respostas são necessárias nas nossas Províncias, Regiões e Missão no continente europeu? Como estamos ouvindo os gritos dos pobres e vulneráveis? Os chamados são distintos, exclusivos da respectiva cultura; como os ouvimos profundamente e respondemos em sinodalidade? Como estamos convidando as pessoas com quem trabalhamos em nossos ministérios e que estão em missão a se juntarem a nós para caminharmos como um, em Unidade?

O processo de sinodalidade, este caminho para o qual o Papa Francisco nos chamou, não terminará com o encontro de outubro de 2024. Este é um caminho contínuo, que nos chama a um processo ao longo da vida, onde todas são chamadas a ouvir, a ler os sinais dos tempos e a responder como um só corpo, caminhando juntas em missão. Estejamos atentas aos sussurros do Espírito, aos apelos dos pobres e vulneráveis ao discernirmos como nós, a Congregação do Grande Amor de Deus, responderemos em missão, em sinodalidade, e avançaremos juntos para o nosso futuro.

# TEMPO DA CRIAÇÃO

**Ir. Iraci de Fátima Cirino dos Santos, CSJ**



*Brasil*

**A** cada ano, a humanidade vem sendo motivada a entrar na dinâmica do Tempo da Criação. Este texto tem por objetivo reavivar cada ser humano para este importante movimento chamado Tempo da Criação. Também, deseja ajudar a ampliar a consciência das pessoas para a participação, para a organização, que enriqueça e dinamize o todos para uma maior conexão e cuidado com todas as formas de vida planetária.

Historicamente, a denominação 'Tempo da Criação' é um movimento: Movimento Católico Global pelo Clima, em conexão com os esforços de diversas iniciativas mundiais, para agir em defesa do Planeta, com ênfase no exercício do cuidado. Em 1988, a iniciativa ecumênica propôs para que, em todo o mundo, os cristãos buscassem a reconciliação com o Criador.

A cada ano vem sendo sugerido um tema acompanhado de recursos

que orientam a celebração do Tempo da Criação e, neste ano de 2023, o tema é: "Que a justiça e a Paz fluam".

Os temas de cada ano movimentam a todos, crentes e não crentes, a viverem em harmonia, sendo guardiões responsáveis da Casa Comum. A responsabilidade implica em todos comprometerem-se a cuidar da vida em todas as suas formas; cuidado este que vai além de proteger. Suscita a atitude de amar, contemplar e sentir-se parte da obra criadora de Deus.

Seguindo as orientações e ensinamentos do Papa Francisco que exorta o ser humano ao senso de pertencimento, como parte da obra criadora, urge um "novo humanismo", com o objetivo de valorizar o ser humano na sua dignidade, ou seja, entender a natureza humana, o que a constitui e o que a caracteriza como ser humano.

A Laudato Si, no número 16, contextualiza a dignidade humana a partir da relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, com a



convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo.

Papa Francisco incentiva e conclama homens e mulheres de boa vontade e da comunidade internacional, para a mudança de época; incentiva para a economia solidária; propõe um modelo de educação inclusiva e libertadora; pauta a urgência do cuidado com a casa comum e por uma união global de solidariedade em meio às crises humanitárias. Ou seja: propõe que a vocação humana se materialize em habitar

humanamente na esperança. A esperança que concretiza o cuidado com a natureza, pela preservação dos ecossistemas, de forma que seja saudável para o presente e o futuro do planeta e de seus habitantes.

Por fim, o “novo humanismo” interpela a espiritualidade das Irmãs de São José de Chambéry à vivência plena da comunhão com Deus, com todas as pessoas e entre si, revelando a dignidade de filhos e filhas de Deus e irmãos e irmãs uns dos outros. É um percurso que deve ser percorrido com

dedicação e empenho, em todas as formas de serviço, de maneira a resgatar a dignidade humana, interligada com as diferentes formas da vida planetária.

O Tempo da Criação permite que nos reconheçamos como “obra do ato criador do Senhor”, nos convida a contemplar a natureza e tudo o que nela habita e nos chama a renovar nossa relação com o Criador e com a criação, por meio da celebração, da conversão e do compromisso conjunto, manifestados em um novo estilo de vida.

---

---

## REFUGIADOS: EM JOGO O FUTURO DOS DIREITOS HUMANOS

**Ir. Mariapia Sberna, CSJ**

---

---

*Itália*

No Dia Mundial dos Refugiados de 2023, o Centro Astalli (Serviço Jesuíta aos Refugiados na Itália) abriu a campanha “Refugiados: em jogo, o futuro dos direitos humanos”.

O tema foi o foco de um colóquio sobre migração, organizado no dia 15 de junho na Universidade Gregoriana. Entre os palestrantes estavam o Cardeal José Tolentino

de Mendonça, Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé, a filósofa Roberta De Monticelli e o escritor Paolo Rumiz. O jornalista Marco Damilano foi o moderador. O programa foi aberto com depoimentos de mulheres refugiadas acolhidas no Centro Astalli e uma apresentação da cantora Evelina Maghnagi.

O número de pessoas

refugiadas ou deslocadas aumentou para uma quantia recorde de 108,4 milhões em 2022, com um aumento sem precedentes de 19,1 milhões em relação ao ano anterior, conforme observado no relatório anual do ACNUR, Tendências Globais em Deslocamentos Forçados 2022.

Neste ano, a tendência do número de pessoas forçadas



a fugir devido à guerra, à perseguição, à violência e às violações dos direitos humanos em nível mundial não mostra sinais de abrandamento. Isto deve-se em parte à eclosão do conflito no Sudão, que causou um novo êxodo. Assim, o número de pessoas que fogem é estimado em 110 milhões até maio passado. Está se tornando mais fácil “morrer na fronteira” e mais fácil ficar preso em locais onde os direitos humanos não são respeitados e onde não há holofotes sobre o que está acontecendo.

Será a Europa hoje capaz de ouvir o grito de uma humanidade ferida e de tomar medidas ativas para promover a paz? É tempo de que a União Europeia encontre coragem para gerir a migração com políticas que tirem as pessoas da guerra, dos massacres no mar, dos perigos das rotas terrestres e daqueles que transformam o seu desespero em lucro. Recentemente, o presidente



italiano, Sergio Mattarella, defendeu que deseja uma Europa que não seja “uma soma de sentimentos e interesses nacionais”, mas um projeto comum de desenvolvimento humano, firmemente alicerçado em valores partilhados.

Também na Itália precisamos de um esforço extra para lidar com os desafios complexos de hoje, com uma visão capaz de ir além da lógica da emergência. O que

tem sido uma necessidade urgente há anos é um sistema de acolhimento adequado e generalizado, adaptado às necessidades reais daqueles que chegam pedindo proteção. Ainda mais necessário é um plano participativo e inovador que ofereça soluções para uma integração sustentável que seja capaz de valorizar a contribuição de todos.

A constituição italiana é a guardiã dos direitos e da dignidade daqueles que fogem da guerra e da opressão, que procuram construir para si e para as suas famílias uma vida livre, que, privados dos direitos de cidadania, vivem neste país, contribuindo para a saúde humana e desenvolvimento cultural antes do econômico.

Para o Dia dos Refugiados 2023, o Centro Astalli quis reiterar que acolher os refugiados é uma oportunidade para construir uma sociedade mais justa, uma democracia mais completa.



# FUNDO MISSIONÁRIO GLOBAL: RELATÓRIOS QUE FAZEM VOCÊ CRESCER

**Ir. Mariaelena Aceti, CSJ**

*Ecônoma Geral*



**A**o longo de 2022, mais de \$ 530.000 dólares, do Fundo Missionário Global foram distribuídos na Congregação. Esse montante financiou 56 projetos a serviço dos pobres, a favor da promoção da mulher, da educação, de crianças e jovens e da saúde dos idosos e frágeis.

Alguns destes projetos, sobretudo na Índia e no Brasil, ainda se encontram em desenvolvimento e os relatórios só serão encerrados em dezembro de 2023. Os relatórios dos projetos desenvolvidos até o mês de abril, foram acompanhados de abundante material fotográfico, notas e relatório das atividades desenvolvidas, demonstrando o quanto o FMG vem contribuindo com as realidades nas pobres.

De fato, por um lado, os novos e rigorosos requisitos



San Ramon, Bolívia: Programa de prevenção de saúde



Ashta, Índia: Projeto de geração de renda

contábeis obrigaram-nos a dedicar muito mais energia à atividade de prestação de contas, mas por outro, revelaram-se uma ferramenta importante para planejar e refletir sobre o que foi feito e partilhar os resultados obtidos.

Apesar das frágeis forças da Congregação em certas áreas geográficas, como na Europa ou no Brasil, o esforço de planejamento dos conselhos provinciais e o trabalho de relatórios das Irmãs produziu crescimento, tanto que passamos de alguns projetos para o número atual.

Dos relatos recolhidos emerge um retrato das várias atividades, dos resultados

obtidos e das dificuldades encontradas, mas sobretudo a alegria e o entusiasmo de trabalhar para um fim comum na consciência de que o testemunho do Evangelho se faz sobretudo, por “contágio” de amor, ao serviço dos outros, especialmente dos últimos.

Realmente, as ações realizadas expressam o cuidado do “querido próximo”, impulso que move irmãs e colaboradores leigos a estarem ao lado dos pobres, a buscarem o diálogo e a amizade entre povos, culturas e religiões, em um caminho de reconciliação e conversão “integral”.

Por isso, a Comissão Internacional de Finanças, em

colaboração com o Conselho Geral, está pensando em uma possível publicação digital dos resultados desses projetos, a ser realizada no início de 2024. Esta publicação poderia encorajar as províncias, regiões e missões a revisarem os projetos para apresentarem de maneira mais concreta o espírito missionário e a generosidade da Congregação. De fato, é uma graça ter o Fundo Missionário Global, um fundo que nos encoraja a viver o carisma e a implementarmos as decisões e os objetivos dos Capítulos Gerais, no passado e no futuro, sempre com grande atenção aos pobres.

## UMA FORÇA QUE EMPODERA

Ir. Santina Smiderle, CSJ

Bolívia



Com a ajuda do “Fundo Missionário Global” da Associação do Amor de Deus, nós, Irmãs de São José de Chambéry, da Região da Bolívia, na Comunidade de Magdalena-Beni, sentimos a necessidade de fazer algo em favor das mulheres viúvas ou que vivem sozinhas,

devido ao abandono de seus companheiros. Diante da situação de vida e pobreza, sentem-se forçadas a exercer a função de mãe e pai, e em constante luta para educarem seus filhos e criar sua família.

Em 2020, lançamos o projeto: “Viver com Dignidade – Projeto de Geração de Renda

para Mulheres”. Devido à pandemia, isso foi concretizado em 2022. Com o objetivo de: “Ser um apoio e contribuir para que as mulheres de Magdalena, que querem e procuram, possam ter um impulso econômico para iniciar o seu pequeno negócio de vendas, que lhes permita melhorar o





seu rendimento familiar e viver com dignidade”.

Mediante a motivação, dez mulheres organizaram seu grupo familiar com a participação da mãe, filhas, noras, netas, totalizando 33 mulheres envolvidas para trabalharem juntas na produção e venda de alimentos caseiros. Os dez grupos estão em funcionamento, alguns diariamente e outros de acordo com suas possibilidades. Todos buscam manter seus lucros para a continuidade e expansão futura de seus negócios.

Com o nome de “Mulheres Empreendedoras”, os grupos se reúnem mensalmente com o objetivo de compartilhar experiências, refletir e avaliar os resultados dos grupos. Bem como apoiar-se mutuamente nas dificuldades, tendo em vista a perseverança, o crescimento e a continuidade destes.

Deste primeiro grupo,

nasceu um outro: “Mulheres Empreendedoras Manuais”, com a participação também de outras mulheres da comunidade. Esse grupo se reúne, semanalmente, para tricotar, bordar, costurar, pintar, com a ajuda de instrutores voluntários da comunidade. Os dois grupos sonham em formar uma “Associação de Mulheres Itonamas”, com estatuto de personalidade jurídica, que lhes permita atrair recursos para sua organização e atividades e buscar um espaço no Centro Cultural da Cidade, para expor e vender seus produtos.

“Empoderamento é o processo pelo qual as pessoas fortalecem suas capacidades, confiança, visão e protagonismo como grupo. Empoderar as mulheres é ajudá-las a conquistar poder, reconhecimento, capacidade de deixar de serem desfavorecidas.”

Acreditamos que esse seja

o processo que as mulheres de nossos grupos estão vivendo. Sente-se isso em expressões como: “Tudo o que aprendemos é importante, bom e nos serve muito”. “Na crise em que estamos, a venda é um meio para comprar outros alimentos”. “Realizar o trabalho, garante nosso dinheiro”. “Oração e escuta da Palavra ajuda-nos a seguir em frente”. “O grupo é um espaço de encorajamento, apoio e entreajuda”. “Na minha deficiência, o trabalho me ajuda, sempre tenho uma renda”. “Você sempre tem que agradecer a Deus”. “Quando as coisas estão difíceis, começamos a rir e nos distraímos”. “Agradeço a Deus por estar aqui”. “Queremos aprender e seguir em frente”. “Estamos numa situação difícil, temos de ir avante pelos nossos filhos”. “Apoiamos e ajudamos-nos umas às outras”. “Se alguma está errada, buscamos ajudar-nos”. “Se não houvesse essa ajuda, não haveria comida diária, remédios e nem dinheiro”.

O interesse e a busca pelo Projeto superaram as expectativas. Continuaremos com iniciativas que contribuam para desenvolver a força interior que empodera nossas mulheres, colabora no resgate da dignidade humana e ajuda a todas a terem VIDA em abundância.

# EXPERIÊNCIAS EM UMA CONFERÊNCIA DA ONU EM PARIS

**Helga Haas-Maennle**

*Noruega*



No final de maio deste ano, delegações de todos os estados membros da ONU, reuniram-se em Paris para negociar como lidar com a poluição plástica. Se não forem tomadas medidas agora, a produção de plástico duplicará dentro de 20 anos e os resíduos de plástico, que vão parar no mar, triplicarão no mesmo período.

Os delegados têm apenas dois anos para criar um “instrumento juridicamente vinculativo” a ser ratificado pela Assembleia Geral da ONU no inverno de 2024. A reunião em Paris foi a segunda de uma série de cinco: chamada INC (Comitê de Negociação Intergovernamental, com INC-2, a segunda reunião, realizada em Paris. Como é habitual na ONU, as Organizações Não Governamentais (ONG) podem participar como observadoras e também podem expressar as suas opiniões de acordo com as regras estabelecidas.

Eu, associada na Noruega e pessoa de contato JPIC, fui convidada a viajar a Paris como delegada das Congregações de São José, nossa ONG da ONU.

Foi incrivelmente interessante vivenciar uma reunião tão grande, com interesses e pontos de vista tão diferentes, tentando encontrar maneiras de chegar a um acordo.

A conferência foi aberta com uma mensagem de vídeo do Presidente Emmanuel Macron. Naquela primeira noite, o Estado francês organizou uma recepção com deliciosos petiscos e bebidas, onde conheci a delegação da Áustria e recebi informações úteis sobre o processo da

conferência. Naquela noite fui acompanhada por Ir. Jeannette Londadjim CSJ, de uma comunidade de Paris.

Apenas metade dos 3.000 delegados registados puderam estar presentes na sede da UNESCO em Paris devido às limitações de espaço. Embora isto tenha causado insatisfação entre muitas ONGs, não foi um problema para nós, uma vez que Ir. Jeannette, que também estava inscrita, não pôde participar da maioria das reuniões. Fui recebida



*Helga (2a da esquerda) com um grupo do IPEN, defendendo a eliminação de produtos químicos tóxicos de plásticos*

pela comunidade dela, no centro de Paris, a uma hora de caminhada da UNESCO. Apenas uma vez tive tempo de ir a pé e admirar grandes paisagens de Paris.

Caso contrário, era apenas uma questão de acompanhar a conferência todos os dias. Durante uma breve conversa com o chefe da delegação norueguesa, Sverre T. Jahre, ouvi que era a primeira vez que havia tal processo, sob os auspícios da ONU; não havia projeto anterior. Foi completamente novo para todos os envolvidos. Como resultado, ninguém conseguiu apontar o caminho para uma solução possível, boa e completa, o que ficou rapidamente evidente.

Um enorme obstáculo apareceu logo no início. Vários países não aprovaram o regulamento interno que estabelecia que uma maioria

de 2/3 seria decisiva quando não fosse possível encontrar consenso. Foram necessários três (de cinco!) dias de discussões duras e difíceis até que os delegados chegassem a um acordo.

A Noruega teve um papel especial nesta conferência. O estado norueguês forneceu grandes recursos financeiros para realizar todo o processo INC. Como observadora da Noruega, encontrei-me com muitos delegados governamentais e não governamentais e fui sempre bem recebida. Muitos manifestaram a sua gratidão pelo papel da Noruega no processo.

Foi incrivelmente emocionante e gratificante ter participado na conferência, que realmente abriu os meus olhos para a questão da poluição plástica. Durante a pausa para o

almoço, foram organizados seminários para dar uma visão mais aprofundada do problema. Particularmente emocionante foi uma breve palestra da sueca Therese M. Karlsson do IPEN (Rede Internacional para a Eliminação de Poluentes) sobre como uma economia circular para os plásticos poderia ser construída.

Existem muitas boas ideias e soluções tecnológicas que estão sendo trabalhadas para se livrar da poluição plástica. Vamos colocar as mãos no comando, porque é da maior importância para o nosso ambiente que os estados concordem com um instrumento juridicamente vinculativo. Desejo sinceramente aos delegados boa sorte no caminho a seguir no INC-3 em Nairobi, Quênia, em novembro e no próximo ano no Canadá e na Coreia do Sul (INC-4 e INC-5).

## NOVAS SANTAS

Ir. Joan Barnes	94	Irlanda	05.05.2023
Ir. Jeanne Hope	89	Estados Unidos	02.07.2023
Ir. Teresinha Biasi	97	Brasil	24.07.2023
Ir. Anna Boledi	101	Italy	06.08.2023
Ir. Helena Toalado	106	Brasil	09.08.2023
Ir. Teresinha Reginato	84	Brasil	10.08.2023
Ir. Maristella Marinato	100	Italy	20.08.2023
Ir. Gelsemina Geocometti	96	Brasil	21.08.2023
Ir. Francoise Theodore L.	96	Fr-Belg.	21.08.2023
Ir. Natalicia Zago	93	Brasil	24.08.2023

# SERVINDO A UMA COMUNIDADE ITINERANTE NEGLIGENCIADA

**Ir. Shakila, CSJ**

*Paquistão*



**A**s Irmãs de São José de Chambéry são a única congregação feminina no Paquistão a iniciar uma escola para ciganos. As comunidades itinerantes do Paquistão, comumente conhecidas como ciganos, Khana Badosh ou Pakhi, vivem em tendas e acampamentos temporários na periferia das grandes cidades. Os ciganos são um setor da sociedade considerado sem religião, sem identificação. Excluídos da sociedade e muitas vezes migrando em busca de trabalho disponível, os ciganos armam suas barracas onde podem: perto de lixões, à beira de estradas, ao longo de córregos poluídos. A Prefeitura Municipal Distrital muitas vezes despeja resíduos sólidos ao lado de suas residências ou demole suas tendas em operações



anti-invasão. O espaço está diminuindo para eles, pois os proprietários de lotes ocupados por ciganos migrantes os expulsam e garantem seus bens.

Como Irmãs de São José, somos inspiradas por nosso fundador, Padre Médaille, a chegar até as periferias e ajudar as pessoas que vivem à margem da sociedade. À medida que vemos os sinais dos tempos e respondemos a essas

necessidades, nos tornamos Boa Nova.

Em 2010 Ir. Shakila Bhatti fundou a Escola Primária Soar para ciganos que vivem em tendas. A escola também começou em uma pequena tenda feita de bambu com uma lona no chão, muitas vezes encharcada com água de esgoto. Com 82 alunos atualmente, a Escola Primária Soar atende aqueles que vêm principalmente de



famílias de mendigos, diaristas, lixeiros, sanitaristas e cantores-dançarinos (profissão considerada imoral em um país islâmico). Como outras escolas não formais, a Escola Primária Soar adota um método de ensino multisseriado, ensinando um currículo unificado para alunos da primeira à quinta série e tendo os adolescentes em outra classe separada. O LLPP de São José, Perwaiz Masih, administra as instalações enquanto eu encarno nosso carisma de comunhão, passando um tempo de qualidade visitando os alunos, ouvindo os desafios de seus pais, ocasionalmente oferecendo-lhes sacolas de alimentos e gentilmente os orientando para melhores escolhas de vida.

Aos domingos, com a ajuda do associado Perwaiz, ensinamos catecismo básico como forma de transmitir valores morais para sustentar

a vida. É um grande desafio convencê-los a serem educados porque sua identidade está fortemente enraizada em sua cultura. Há uma necessidade urgente de servir aqueles de quem ninguém se importa. Os missionários chegaram aqui



para servir os oprimidos e a Igreja é conhecida por oferecer educação e saúde de qualidade. Infelizmente, tanto a educação quanto os

serviços médicos se tornaram negócios. A maioria das escolas e albergues católicos, baseados em aldeias, fecharam ou sobrevivem com um ventilador. Somos chamados para servir – não para negócios. Cada pessoa é criada à imagem de Deus e seus filhos têm o direito de conhecer sua fé e receber educação.

Somente a educação e as habilidades moldarão seu futuro. Com a graça de Deus e a disponibilidade dos LLPPs nossa Escola Primária Soar para os Ciganos está construindo o futuro de jovens que são rejeitados e se sentem isolados na sociedade. Contamos com São José, o

trabalhador incansável, para ser sempre o motivo para vivermos a comunhão e a espiritualidade da pequenez, sendo assim uma Igreja tangível.

# TODAS IRMÃS (SORELLE TUTTE)

Ir. Maria Giovanna Titone, CSJ



*Itália*

O livro “Sorelle tutte. Nello Stato teocratico dell’Iran” (Todas Irmãs: No Estado Teocrático do Irã) nasceu com o desejo de dar voz aos protestos das mulheres iranianas, ocasionados pelo assassinato de Mahsa Amini pela força policial da moralidade. O seu crime foi não usar o hijab em conformidade com as normas morais. Este livro pretende chamar a atenção das pessoas para a condição das mulheres em países como o Irã e despertar a consciência católica para a urgência de viver o Evangelho e de se tornar a voz daqueles cuja voz é tirada pela arrogância dos poderosos deste mundo.

Atacar as mulheres hoje significa negar um futuro e uma educação a um país, a um povo e a uma comunidade.

Pessoalmente, a notícia da morte de Mahsa atingiu-me como uma bofetada na cara, mas fiquei mais profundamente magoada com a indiferença que a comunidade internacional demonstra relativamente ao que está a acontecer no Irã.



Decidi ficar ao lado destas mulheres e destas pessoas porque acredito que também isto é anunciar o Evangelho: dar voz àqueles cuja voz o mundo tira! Libertar os oprimidos!

Na minha visão, as mulheres iranianas têm a força

da profecia, daquelas que não se resignam a um sistema herdado, mas têm a audácia de exigir mudanças no sistema para construir um futuro para aqueles que as sucedem. Nós também podemos ser tocadas por este vento de profecia!

# APELO À CONGREGAÇÃO – UMA ÁRVORE – UMA VIDA

Ir. Jona Chinnappan, CSJ

*França/Bélgica*



A equipe de Justiça e Paz da Congregação fez um importante apelo à campanha “Uma Árvore – Uma Vida” para promover a consciência da situação das mulheres na República Teocrática do Irã.

A Congregação solicitou que todas as pessoas de contato da JPIC tenham o papel fundamental de explicar esta campanha às nossas comunidades, instituições, grupos de associados leigos, amigos, paróquias. Além disso,

cada Irmã responsável pela JPIC da sua Província, Região ou Missão acompanhará a campanha e recolherá as reações de todos aqueles que desejam participar nesta iniciativa de plantar árvores em memória das vítimas no Irã.

Para responder a este apelo, a província de França/Bélgica organizou com a paróquia a plantação de quatro árvores no jardim de Bellecombette.

No domingo, 11 de junho,

a paróquia de Biollay, da qual fazemos parte, programou um passeio paroquial em acordo com as Irmãs de São José, organizado sobre o tema da Criação “Uma árvore – Uma vida”. Cento e cinquenta pessoas se reuniram para uma missa ao ar livre para celebrar a Festa do Santíssimo Sacramento do Corpo e Sangue de Cristo ao ar livre.

Tivemos a sorte de ter bom tempo. A nossa celebração eucarística



começou com uma meditação sobre a natureza, tomando consciência dos nossos cinco sentidos e tocando a nossa Mãe Terra com os pés e as mãos.

Foi incrível ver todos juntos em volta de uma árvore. Depois entramos em procissão sob a marquise com a vela acesa, sendo os arbustos carregados pelos fiéis antes de serem plantados à tarde.

O grupo visitou as nossas casas históricas e o local de memória. Depois, houve o plantio de quatro árvores que foi o momento perfeito para sensibilizar os 70 paroquianos presentes. Um grupo de Irmãs preparou a peça teatral intitulada "Mãe Terra". "Através deste esboço, fomos convidadas, juntamente com a comunidade cristã, a tomar conhecimento da situação no Irã para apoiar o povo iraniano e mostrar a nossa



solidariedade para com as famílias das vítimas. Queremos destacar e homenagear cada pessoa morta nos protestos, tentando destacar as suas vidas e devolver a dignidade àqueles que foram tratados injustamente.

Após este compromisso coletivo com os leigos da paróquia, dividimo-nos em quatro grupos, para plantar

quatro árvores, símbolos de vida: uma nêspera, um pessegueiro, duas ameixeiras. Esta plantação convidou-nos a alegrar-nos com uma dança em volta das quatro árvores. Essa dança significava que toda árvore tinha raízes enquanto nós não. Por outro lado, temos irmãos e irmãs em quem podemos contar para o nosso crescimento.

## EDIÇÃO

Ir. Barbara Bozak  
Ir. Eliana Aparecida dos Santos

## PROJETO GRÁFICO

Ir. Laveena D'Souza

## TRADUÇÕES

Anette Jensen  
Ir. Cristina Gavazzi  
Ir. Margherita Corsino  
Ir. Maria Elisabete Reis  
Ir. Marie-Pierre Ruche  
Ir. Preeti Hulas  
Ir. Ivani Maria Gandini

## DISTRIBUIÇÃO

Monica Bianchini  
[www.csjchambery.org](http://www.csjchambery.org)

## E - MAIL

[icc@csjchambery.org](mailto:icc@csjchambery.org)